

O Projeto Compreensivo da Travessia de Riobaldo em Grande Sertão: Veredas¹

Fábio Galera²

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar algumas reflexões sobre a obra *Grande Sertão: Veredas*, procurando demonstrar a viabilidade de um pacto de leitura. Acreditamos na hipótese de que a obra inteira pode ser lida como um exercício de reflexão que põe em relevo o tema da *temporalidade*, tal como é compreendida pela ontologia fundamental de Martin Heidegger. Na verdade, esta etapa de nossa investigação se propõe apenas a estabelecer os limites e as possibilidades para o desenvolvimento desta tese, que poderá ser formulada da seguinte forma: a obra *Grande Sertão: Veredas* demonstra poeticamente o tema da temporalidade existencial, o que torna visível a constituição fundamental do homem, estruturado inicialmente a partir da articulação de uma compreensão existencial de liberdade, ação e tempo. Tais temas e questionamentos serão abordados na obra pelo narrador Riobaldo segundo um modo poético de pensar, de modo tão radical quanto o pensamento propriamente filosófico.

ABSTRACT

This paper aims at presenting some reflections on the work *The Devil to Pay in the Backlands*, seeking to demonstrate the possibility of a reading pact. We believe in the hypothesis that the entire work can be read as a reflection that highlights the theme of temporality, as understood by the fundamental ontology of Martin Heidegger. In fact, this stage of our research aims only

1. Este artigo reproduz partes da minha tese de doutoramento em Letras, intitulada *Ser homem no Grande Sertão: travessia, tempo, ser.*”

2. Fábio Galera é Doutor e Mestre em Ciência da Literatura (UFRJ), Mestre em Filosofia (UFF), licenciado em Letras e em Filosofia, especialista em Literatura Infante-juvenil (UNESA) e em Educação Especial (UNIRIO). Professor de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira (FTESM). Autor do livro *Caminho, Poética, Acontecimento* e co-autor dos livros *Convite ao Pensar* e *O Educar Poético*.

to establish the limits and possibilities for the development of this thesis, which may be formulated as follows: the work *The Devil to Pay in the Backlands* shows the theme of existential temporality for a poetic way, making visible the fundamental constitution of man, initially structured from the articulation of an existential understanding of freedom, action and time. These themes and issues will be discussed in the work by Riobaldo narrator according to a poetic way of thinking so radically as the philosophical thought.

1. O Projeto Compreensivo

Por que Riobaldo conta *a travessia da sua vida*? Encontrar respostas para esta pergunta promoverá o encaminhamento e desdobramento de nossa investigação. Riobaldo contou pela primeira vez sua história ao Compadre Quelemém para que sua *dor passasse*.³ Riobaldo tinha uma dor! Qual foi a dor de Riobaldo, que o motivou a contar sua história? Sua dor decorre de um fato, isto é, de um feito, decorre da *possibilidade de ter vendido sua alma para o diabo*. Riobaldo conta para Quelemém sua travessia e alivia sua dor. Através do Compadre Quelemém⁴, seu *com-padre clemente*, Riobaldo ganha o alívio para essa dor, ganha o perdão, ganha a inocência de sua *culpa*⁵: “Comprar ou vender, às vezes, são as ações que são as quase iguais...”⁶. Em sendo iguais, a dor de Riobaldo é também *a dor de ter comprado sua alma do diabo*. Como comprou? Comprou ou vendeu? Comprou e vendeu?

Essa é uma questão da travessia de Riobaldo: a compra/venda. Questão que o faz contar sua travessia, a travessia de sua vida. Mas, porque

3. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 607.

4. Cf. o Professor Manuel Antônio de Castro, em seu ensaio *Grande ser-tao: diálogos amorosos*, “Certamente o nome Quelemém está ligado à corruptela popular do nome Clemente. Nele e por ele o sagrado exerce a sua clemência, pois a questão que acompanha as indagações de Riobaldo está ligada à culpa. Na obra, porém, esta questão está ligada à questão do destino”, CASTRO, Manuel Antônio de. *Grande Ser-tao: diálogos amorosos*. In: *Veredas no sertão rosiano*. Org. Antônio Carlos Secchin [et al]. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, pp. 160-161.

5. A propósito da questão da *culpa* de Riobaldo, o Professor Eduardo F. Coutinho, em seu livro *Grande sertão: veredas. Travessias*, afirma que a culpa “constitui a base das especulações metafísicas que Riobaldo desenvolve mais tarde e que, por sua vez, motivam o relato de sua vida ao interlocutor”, COUTINHO, Eduardo F. *Grande sertão: veredas. Travessias*. 1.ed. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 98. Essa questão será retomada em nosso capítulo III, item 1. *O Pacto e a culpa*.

6. ROSA, 2006, p. 607.

estamos tratando de travessia de vida, esta não é a única questão que aparece na obra *Grande Sertão: Veredas* (GSV), como não é a única questão que impulsiona o contar de Riobaldo. Por se tratar de atravessamento de vida, há muitas outras grandes questões. Com a vida, vivendo a vida, se aprende a viver e vivendo se aprende ainda mais “é só a fazer outras maiores perguntas”⁷. Que perguntas, que questões se aprende a fazer vivendo? Aprende-se com a vida a elaborar outras maiores questões acerca da própria vida. Que outra maior questão Riobaldo fez a cerca de sua vida? O que é a vida? Vida: “Ah, esta vida, às não vezes, é terrível bonita, horrorosamente, esta vida é grande”⁸. Vida é *travessia perigosa, e perigo é a travessia da vida*.⁹

Riobaldo contou a grande travessia¹⁰ perigosa que foi sua vida. Por quê? Ele responde: “Conto minha vida, que não entendi”¹¹. Riobaldo conta o que não entendeu da travessia da sua vida; contou para que a vida não ficasse “sendo sempre o confuso dessa doideira que é”¹². É preciso achar o *norteado* da vida, é preciso encontrar o norte, o sentido da vida. Por isso contou. Riobaldo precisava entender a grandeza da vida, os grandes perigos pelos quais foi atravessado, suas culpas, suas dores, sua vida, suas questões, e também seus amores. Precisava entender tudo o que há de mais *importante* na vida. E para entender sua vida, era preciso entrar no círculo de compreensão da própria vida, isto é, precisava ser lançado, precisava ser jogado na vida do sertão para viver, e além disso, precisava aprender a conviver com a morte, pois, a travessia da vida é a questão do viver entre a vida e a morte.¹³ Querer entender, querer compreender a sua travessia, a travessia da sua vida, este foi o seu projeto narrativo, um *projeto compreensivo*¹⁴. Queria compreender justamente a questão que

7. Ibid., p. 413.

8. Ibid., p. 422.

9. Cf. Ibid., p. 542.

10. A propósito da palavra *travessia*, o Professor Eduardo F. Coutinho afirma que “se no nível denotativo, o vocábulo se refere às andanças de Riobaldo pelo sertão, suas marchas e contramarchas em prol da causa dos jagunços, no plano conotativo ou simbólico, ele indica o percurso existencial empreendido pelo personagem em busca do sentido das coisas e da condição humana. A vida, no romance, é uma travessia, busca do conhecimento, processo de aprendizagem só interrompido na hora da morte, e cada passo dado pelo homem em seu caminho constitui um instante de risco que o coloca diante do mistério e do desconhecido. Daí a máxima de Riobaldo: ‘Viver é muito perigoso’, COUTINHO, 2013, pp. 110-111.

11. ROSA, 2006, p. 490.

12. Ibid., p. 484.

13. Cf. CASTRO, 2007, 142.

14. Reservadas as proporções e diferenças de interesses, o que chamamos *projeto compreensivo*, pode-se

é ser entre vida e morte, a questão que é *ser homem*¹⁵ no *Grande Sertão que é a vida*.

Ao que parece, esse era o *credo*, a crença *poético-existencial* de Guimarães Rosa:

cada homem tem seu lugar no mundo e no tempo que lhe é concedido. Sua tarefa nunca é maior que sua capacidade para poder cumpri-la. Ela consiste em preencher seu lugar, em servir à verdade e aos homens. [...] Por isso, tudo é muito simples para mim, e só espero fazer justiça a esse lugar e a essa tarefa. Veja como o meu credo é simples. Mas quero ainda ressaltar que credo e poética são uma mesma coisa. [...] A vida deve fazer justiça à obra, e a obra à vida. (LORENZ, 1991: 73-74)

Encontramos nesse *credo* a mesma questão que motivou Riobaldo a narrar sua estória. Riobaldo precisava cumprir a tarefa de encontrar o seu

identificar com o que se chamou *projeto poético-existencial* ou *projeto moral*. Em linhas gerais, pode-se caracterizar o *projeto poético-existencial*, mencionado pela Professora Maria Lúcia Guimarães de Faria, como sendo a questão fundamental de *assumir as rédeas do existir* e que “que encena o advir do homem a si mesmo como realização máxima da vocação de grandeza que se aloja em seu coração”, FARIA, Maria Lucia Guimarães de. *O magistério rosiano do existir*. Revista Diadorim. Vol. 13. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013, p. 165. A Professora defende que as estórias de Guimarães Rosa encerram uma importante experiência existencial. Cf. Maria Lucia, “A mais importante hermenêutica é a da própria vida. [...] Existir é no nada, porque viver é um contínuo atravessar sobre o abismo. A vida é perigosa, porque não cessa de se enviar em experiência. O homem deve aprender a existir na concruz dos caminhos do bem e do mal, do dia e da noite, do ser e do não-ser, de acordo com a insubstancialidade de sua condição de destinatário da morte. A pedagogia do autêntico existir é a motivação que singulariza a estória rosiana”, FARIA, 2013, p. 164. Conforme o Professor Ronaldo de Melo e Souza, “Riobaldo se vale do rito terapêutico da palavra, ou seja da encantação lírica ou *katharmós* verbal. // Em suma: mediante a correlação analítica e interpretativa de diálogo e catarse, ou seja, mediante a clarificação hermenêutica do diálogo cujo *lógos* é um *katharmós* verbal, nossa tese não visa senão ao desvelamento e à compreensão do projeto moral de Riobaldo”, SOUZA, Ronaldo de Melo e. *Ficção e verdade: diálogo e catarse em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Clube de Poesia de Brasília, 1978, p. 20. Em uma análise do conto *O espelho*, o Professor Álvaro Martins Andrade também menciona a existência de um projeto moral que atravessa toda a obra de Guimarães Rosa. Analisando o conto ele afirma que “Aí se encontra sob a forma de ‘resumo’ ou ‘abreviado’, - muitas vezes mesmo sob a forma de *síntese didática*. – não apenas a vir-ao-mundo, a descoberta do mundo e a instauração do ser, mas todo o pensamento do autor, sua visão moral de mundo e de homem, as linhas centrais do verdadeiro *projeto moral* que é, em última instância, toda a obra rosiana”, ANDRADE, Álvaro Martins. *O espelho de Guimarães Rosa*. In: Revista de Letras. Vol. 14 N. 1. São Paulo: UNESP, 1972, pp. 49-71.

15. Cf. o Professor Manuel Antônio de Castro, todos os fatos que entretêm o enredo de *Grande Sertão: Veredas* são, no fundo, “pretextos para tecer, poeticamente, especulações em torno do homem e de seus problemas. O homem problemático constitui o cerne da obra e de todo o seu desdobrar-se”, CASTRO, Manuel Antônio de. *O homem provisório no grande ser-tão*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

lugar e o seu tempo, para encontrar o sentido de sua vida, para conhecer, para compreender-se a si mesmo, compreendendo sua travessia, seu ser, compreendendo o seu prazo, o seu *quinhão*, o seu “entre-tempo determinado pelo *nascimento* e pela *morte*”¹⁶, *entre onde se dá o seu destino como travessia*.

Riobaldo, pois, narra para compreender sua travessia. Nossa investigação irá procurar explicitar esse *projeto compreensivo*. Propomos marcar o princípio dessa tarefa interpretativa de tempo, de travessia, de ser a partir da seguinte passagem de *Grande Sertão: Veredas*¹⁷:

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe! (ROSA, 2006: 100)

2. Decifração

Para compreendermos adequadamente esta passagem, deve-se pensar cada frase, numa *procura* cuidadosa. Neste ponto, se inaugura um momento privilegiado de interpretação. Riobaldo inicia esta passagem, afirmando: *Eu queria decifrar as coisas que são importantes*. Na primeira frase destacada, Riobaldo declara sua pretensão, que poderia ser entendida como um querer, extensível a todos os fatos e feitos narrados. Assim, pode-se considerar esse querer como sendo o querer de seu relato. Esta é a sua *pro-cura*, seu empenho existencial de *cura*, cura para sua dor. Riobaldo já não está mais *moendo no a'spro* e possui algum distanciamento dos acontecimentos narrados. Aqui, o leitor não tem acesso ao exato vivido, à vida vivida, mas sim à elaboração narrativa do que foi *experienciado*. Mas tanto a vida vivida como a vida experienciada compõem uma única e mesma travessia. Riobaldo queria se apropriar do que foi importante para a sua travessia, queria se apropriar do que lhe era próprio. E o que nos é próprio a todos nós? O que nos é mais próprio consiste em aquiescer na *apropriação do sentido e vigor do viver mesmo, que é um deixar-se ser*

16. CASTRO, 2007, p. 153.

17. A partir daqui, GSV.

*tomado pela morte, pelo nada, pelo vazio que nos encaminha a partir do vir-a-ser da travessia.*¹⁸

O momento da narração é um momento de meditação e mediação dos fatos e feitos, pois há *prazo* para pensar, para *especular ideia*, há tempo para contar. O que interessa agora é que o especular ideia, o pensar que está em causa nesta passagem não é qualquer pensar, mas é sim um pensar marcado por uma inclinação, qual seja a *decifração*. Riobaldo quer decifrar algo, não quer simplesmente pensar por pensar, por raciocinar, por se ocupar e desperdiçar tempo. Ele quer descobrir o que é importante. Riobaldo quer descobrir o mistério¹⁹ de sua travessia, quer descobrir, quer decifrar o modo como poderá se apropriar do *sentido e vigor do seu viver, da sua travessia*. Isto significa que ele quer compreender, quer se apropriar no sentido mesmo dos mistérios de sua travessia. Esta decifração é tal como a resolução de um enigma. Mas que enigma? Qual foi o enigma mais importante da sua vida? O que é o mais digno de se pôr em questão, que poderá ocupar e preocupar a especulação de Riobaldo, enquanto se empenha em narrar e decifrar?

A palavra *de-cifrar* já traz em si o anúncio de um enigma. Cifrar significa codificar, para ocultar o sentido, transpor para um código secreto, para que poucas pessoas possam compreender, *só umas raríssimas pessoas*²⁰. A palavra decifrar vem da língua grega, da palavra *kryptestai*. Encontramos no fragmento 123 de Heráclito o sentido da decifração que Riobaldo estava empenhado em realizar. Diz o fragmento: *Physis kryptestai philei*. O Professor Manuel traduz como: “A nascividade excessiva apropria-se no nada

18. O Professor Manuel Antônio de Castro responde: “O que nos é próprio é o ser. Não simplesmente o ente como vida vivida, mas o ente enquanto ser na vida experienciada. Na vida experienciada não é o ente o sujeito. Não. Ela consiste em deixar-se ser tomada pela *morte como sentido e vigor do viver*, enquanto *eros*, então surge a unidade. *Fazer a travessia é deixar-se ser tomado pela morte*. Então o *morrer* não é um fim, um término da vida, mas a vida potencializada pelo não-ser, pelo nada, pelo vazio, no *vir-a-ser* em que consiste a *travessia como destino*. Esse *vir-a-ser* é sempre um ser-do-entre, um *entre eros e morte*. Onde a *medida do ser é o não-ser; onde a medida de eros é a morte*. Nesta experienciação não há mais dois Riobaldos, mas um único trans-figurado por um outro *agir*. Aos dois Riobaldos correspondem dois agires, onde um busca, no fundo, o outro para o *manifestar numa realização única enquanto travessia*. O que vigora aí, portanto, é a tensão abismal do ‘entre’, enquanto o ‘mesmo’”, CASTRO, 2007, p. 153.

19. O Professor Álvaro Martins Andrade, em seu ensaio *O espelho de Guimarães Rosa*, compara GSV e o conto. Ele afirma: “O problema do narrador é o mesmo de Riobaldo no *Grande Sertão: Veredas* [...] o mistério do humano. Por isso estrutura e forma narrativa são tão semelhantes em peças tão diferentes”. ANDRADE, 1972, p. 51. Como se afirma no conto, *tudo é mistério*, e “Nessa categoria do mistério será o homem quem permanecerá sempre como núcleo, fonte e desafio”, ANDRADE, 1972, p.52.

20. ROSA, 2006, p. 100.

excessivo”²¹. A nascividade excessiva de que fala o fragmento é a própria *Vida* em sua totalidade. É sua totalidade que cria e recria tudo o que há, tudo o que vive, tudo o que se mostra e manifesta-se em sua força inauguradora. A totalidade da *Vida*, da nascividade, é na verdade a própria realidade. A totalidade da realidade é a nascividade excessiva, a *physis*. Ocorre que essa força, essa vitalidade, essa inauguração intensiva, constante, incessante, no que se dá e se realiza, também se oculta excessivamente e se dirige à destruição. Essa ocultação é co-pertinente e co-originária à nascividade excessiva. Riobaldo quer *decifrar* justamente a apropriação da nascividade de sua vida, que se apropria na ocultação de sua morte, ou seja, o velar-se excessivo de sua vida. A Vida, a nascividade poética do homem, entendida como fato da realidade, em todas as suas possibilidades de envios e desvios, é elevada, é apropriada em sua destruição. O homem em sua misteriosa sucessividade de estados, ao longo de nascimento e morte, é devorado por essa força de ocultação; esse é o *kryptestai* da *physis*, compreendido existencialmente. Esse movimento de brotação por si e para si da Vida, se oculta com a mesma intensidade e vigor excessivo no sempre velar-se da Morte. Isto, o homem observa como passagem de tempo, como atravessamento de vida. É justo o engendramento cíclico e autônomo dessa força, desse vigor, (nascimento-morte, velar-desvelar) que nos dá a experiência do tempo, e de sua sucessividade.

Sem perder de vista aqui o sentido fundamental da narrativa GSV, do querer *decifrar as coisas importantes*, podemos dizer que o impulso de perguntar sobre o que é fundamentalmente importante, pode-se dizer também como um perguntar pela Vida, pela realização concreta da Vida como tempo, pelo acontecer desse mistério, desse enigma que *raríssimas pessoas* estão preparadas para compreender.

3. Vertências

Eis a segunda frase: *E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente*. Nela está sendo tratado o

21. CASTRO, 2007, p. 151. Numa outra tradução/interpretação: “A realidade ama velar-se. Ou seja: O que não cessa de vigorar desdobrando-se apropria-se no velar-se. O que não cessa de vigorar velando-se é o acontecer poético da realidade.”, CASTRO, Manuel Antônio de. “Vigorar, 1”. In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Vigorar>.

que é importante, pensado a partir do que será narrado, do que irá aparecer na fala do narrador ao longo da obra. Agora Riobaldo explicita um pouco mais o que ganhará importância e o que será contado, em vista de sua especulação. Primeiramente, de modo negativo, Riobaldo afirma o que não está em causa em sua *contação*. Ele não está tematizando o modo de vida do sertanejo, um modo de vida dentre muitos outros possíveis, ainda que seja o modo de vida que constitui a vida do jagunço Riobaldo. Ainda que toda a narrativa seja imanente ao universo sertanejo, mais especificamente, ao modo de vida do jagunço, não é isto o que está em questão. O modo de vida do jagunço não é a questão fundante da obra, ou melhor, não é desta matéria que trata a narração. A questão a se considerar é outra. Mas o que é ser jagunço? É curioso se deparar com a pergunta/questão que por diversas vezes o narrador de GSV enuncia: *quem foi o jagunço Riobaldo?*²² Ainda que as questões fundamentais da obra sejam configuradas a partir do modo de vida do jagunço Riobaldo, não está nisto o que deve ser pensado. O que é, pois, o mais fundamental e intrigante, enigmático, que deve ser decifrado? O que merece toda a atenção, segundo o dito e narrado, é a *matéria vertente*. O que se conta, pois, o que se narra, o que merece importância é a matéria vertente.

O que podemos entender por essa expressão que só aparece nesta passagem? A matéria aí possui a qualidade de ser vertente. A matéria é vertente por assumir para si a ação de verter e isto a qualifica enquanto vertência. Verter diz fundamentalmente fazer correr as águas de um rio. Pode-se entender verter ainda como *ressumar*. Ressumar diz o mesmo, porém diferente. A palavra verter entendida como ressumar enfatiza um *deixar* sair, dando passagem às águas de um rio até que se chegue ao sumo, à suma perfeição, ao perfeito, acabado, cheio de si mesmo, puro e inocente. O que se verte é a matéria vertente da vida de Riobaldo, sua travessia, verte-se a si mesma como a própria *matéria vertente*. A palavra verter vem do latim *vertĕre*, que por sua vez vem do verbo *vertō* (*vortō*). *Vertō* resguarda sua proximidade com

22. A seguir, destaco algumas das passagens que sugerem um autoquestionamento da existência por parte de Riobaldo. Em momento apropriado pretendo voltar a esta questão com mais detalhes. Por ora, destaco as passagens: “Jagunço é o sertão. O senhor pergunte: quem foi que foi o jagunço Riobaldo?”, ROSA, 2006, p. 311; “é preciso, por aí, o senhor ver: quem é que era e que foi aquele jagunço Riobaldo!”, *ibid.*, p. 471; “O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja.”, *ibid.*, p. 216; “Eu era assim. Sou? Não creia o senhor. Fui o chefe Urutu-Branco – depois de ser Tatarana e de ter sido o jagunço Riobaldo. Essas coisas larguei, largaram de mim, na remotidão.”, *ibid.*, p. 544; “sendo o chefe Urutu-Branco, mesmo dizer – o jagunço Riobaldo...”, *ibid.*, p. 578.

vertex/vortex, que em seu sentido próprio aponta para turbilhão, redemoinho, de água, de vento ou de fogo. *Vertō* pode significar, em sentido próprio, voltar e virar e ainda transformar e mudar. Reflexivamente a palavra *vertō* indica o movimento de voltar-se para, transformar-se, para narrar-se a si mesmo. É importante destacar que o *verter* de *vertō*, o mesmo que aparece juntamente com a preposição/prevérbio *trāns*, contido na palavra *tra-vessia*, atravessar, atravessamento: “Existe é homem humano. Travessia”²³.

Podemos tomar a expressão *matéria vertente* como sendo uma tal matéria que torna-se e entorna-se, que se derrama como a água de um rio, dos rios que atravessam a travessia de Riobaldo. A matéria que se verte como a vertência enigmática da materialidade imaterial do tempo, o correr e escorrer do tempo, em direção à sua consumação. Podemos tomá-la como a vertência da matéria-tempo, que corre da vida para a morte, da morte para a vida, num fluxo vazante que inaugura possibilidades e limites para as realizações humanas. Matéria vertente é aquilo que Riobaldo quer narrar.

4. Medo e Coragem

A próxima fala de Riobaldo exige uma atenção de leitura especial. Só para lembrar, diz Riobaldo: *Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder*. Esta fala deve ser meditada em três momentos, pois há muito o que pensar em cada uma de suas partes, apesar de sua aparente simplicidade. Querer entender é o mesmo que querer decifrar. Isto caracteriza o querer de Riobaldo como um querer especulativo, existencial, fundamental. Não se trata aqui, em GSV, de um querer que quer algo, que quer uma coisa. O querer que está aqui em jogo é o querer *com-preender*. Mas o que se quer compreender, isto sim, é a questão, é uma questão e, como tal, merece a devida atenção. O querer de Riobaldo mostra-se como um tal impulso, uma tal inclinação que possui o mesmo enraizamento do querer da filosofia²⁴, que quer entender a

23. ROSA, 2006, p. 608.

24. Cf. o Professor Álvaro Martins Andrade, “Embora não se possa dizer que Guimarães Rosa é um filósofo *de sistema*, – no sentido em que se falaria de um spinosa ou de um Kant, – *tampouco se pode deixar de reconhecer a formulação de um pensamento*, – no sentido de um conjunto de significações constantes, passível de organização e estruturação coerentes. Daí ser possível falar-se de uma visão de mundo, de uma concepção de homem, de uma epistemologia e de uma ética *rosianas*”, ANDRADE, 1972, p. 49.

realidade e o real, sua gênese. A frase tomada como questão para a nossa leitura está dividida em três partes:

1. *Eu queria entender do medo e da coragem;*
2. *e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos;*
3. *dar corpo ao suceder.*

Nas duas primeiras partes, veem-se duas ideias complementares. Na primeira, Riobaldo quer entender sobre o medo e sobre a coragem. Pode-se supor que o que está em questão nesses dois humores (medo e coragem) é a possibilidade do agir, da ação, entendida como decisão, que faculta ao homem o fazer tantos atos. Mas ser e estar simplesmente na possibilidade do medo e/ou da coragem não satisfaz o mover-se da ação, assim como não satisfaz o querer entender de Riobaldo. Ele quer entender mais. Quer entender como tais humores empurram ou não o homem a realizações. Ele quer entender o que move o homem a agir, ele quer entender também a *gã*. Pode se dizer o mesmo de outra maneira: Riobaldo quer entender as ações e suas disposições de humor, ou seja, estão em jogo a ação e o querer que também move a ação, a *gana*. Parece que a última parte da frase arremata, reúne, engloba as duas outras partes e as reúne na enunciação. Riobaldo quer entender do medo e da coragem e da *gã* que promove ação, ou seja, ele quer *dar corpo ao suceder* das ações no tempo de uma vida.

Riobaldo quer entender *do medo e da coragem*. O que tem o medo e a coragem de tão importantes, a ponto de Riobaldo querer entender acerca desses dois humores fundamentais? O que esses dois humores poderiam esclarecer sobre a questão do tempo, em GSV? Reinaldo Diadorim foi quem ensinou a Riobaldo a importância da coragem: “Carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem...”²⁵. Esse é o destino do homem: ter coragem. Essas disposições de humor determinam a ação humana. Mas como determinam? Coragem é o humor exigido pela própria vida.²⁶ A coragem deve ser um salto, o maior dos saltos: tem coragem quem salta na vida, para a vida. Enquanto disposição, ela é disposição de mundo e de vida. Coragem assim entendida é afeto, *pathos* de vida, o *pathos* do mundo, seu *vai*²⁷. O fundamento do mundo é a própria coragem. Neste

25. ROSA, 2006, p. 108.

26. Cf. *ibid.*, p. 318.

27. *Ibid.*, p. 305.

sentido, coragem fica sendo o que oportuniza a passagem, isto é, a travessia do humano na terra.

E qual é a questão que está na raiz do sentir medo e/ou coragem é algo ainda mais fundamental, ainda mais radical para a constituição do humano: a *liberdade*. O medo e a coragem, radicam na questão da liberdade. O que se deve entender por liberdade? Não estamos interessados em entender liberdade como liberação de, liberação de impedimentos, liberação de limites. A liberdade, segundo Riobaldo, deve ser entendida enquanto aquilo que se faz, se realiza, no interior mesmo dos mais graves limites, liberdade para saltar sobre si mesmo, liberdade para o salto, um salto no interior dos próprios limites, da própria travessia. Liberdade exige a coragem do salto sobre si mesmo, para alcançar a si mesmo. O homem não precisa ser *livre de* para alcançar liberdade; mas deve ser *livre para*.²⁸

5. Gã

Além do medo e da coragem, Riobaldo queria entender também *da gã que empurra a gente para fazer tantos atos*. Riobaldo quer entender sobre a *gã*. O que é isto, *gã*? Diante dessa palavra, será necessário decidir acerca de seu sentido, que sentido ela irá receber. Como diz Riobaldo, “Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe”²⁹.

Manuel Antônio de Castro ao interpretar a palavra *gã*, decide-se por conceder-lhe o sentido da *primeira gutural sonora do alfabeto sânscrito*, que corresponderia à letra G. Teríamos, assim, a *gã* como sendo o próprio Guimarães e também o Grande Sertão “numa junção poética de nome, arte e ser”³⁰. *Guimarães*, entendido como força de criação, assim como a grandiosidade da abertura do sertão, estariam em comunhão, comungando da mesma força poética. Ambos os nomes estão numa referência privilegiada para com a abertura de ser. Um e outro na realização do obrar da linguagem, da arte. Essa interpretação está perfeitamente em concordância com a pressuposição da poética de Rosa, que afirma a interpenetração entre

28. Cf. *Do caminho do criador*, NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 93.

29. ROSA, 2006, p. 156.

30. CASTRO, 2007, p. 143.

linguagem e vida.³¹ Assim, o que estaria em questão é o autoconhecimento de si (homem) e da realidade (sertão), o inaugural, e por isso poético, da relação entre o homem e o sertão, na afluência originária da copertinência de ambos, que é o próprio fundar da realidade.

Numa outra interpretação, Nei Leandro de Castro, em seu inventário vocabular de GSV, afirma que *gã* é a forma apocopada da palavra *gana*, possuindo um sentido de ímpeto.³² Esta interpretação subsiste nas traduções para o Espanhol, para o Inglês e para o Alemão. A palavra foi traduzida para o Inglês como *passions*³³, paixões. Para o espanhol, a palavra *gã* passou a *gana*³⁴, vontade. Para o alemão, a palavra é vertida para *Lust*³⁵. Nas três traduções, *gã* passou a significar no idioma final o sentido de ímpeto, desejo, vontade intensa, entendidas como impulso apetitivo, uma forte disposição de humor, que mobilizaria o agir humano. Assim entendido o sentido da palavra, Riobaldo quer compreender o princípio que move a ação. Ele quer entender o princípio, a origem, a gênese que move o homem a realizar tantos atos. Assim, é a partir da reflexão de si e a partir de si, que ele busca entender a força das ações, o princípio, a origem. Não é de um conceito universal que ele irá principiar o entendimento, mas é a partir da hermenêutica de suas próprias ações, de seus próprios envios e desvios, que

31. Cf. LORENZ, 1991, p. 62.

32. CASTRO, Nei Leandro de. *Universo e vocabulário do Grande Sertão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982, p. 113.

33. Segue todo o trecho que está sendo interpretado, na tradução para o Inglês: “I would like to decipher the things that matter. And what I am relating is not the life of a backwoodsman, a jagunço though he was, but relevant matters. I would like to understand about fear and about courage, and about the passions that drive us into doing so many things, that shape to events. What leads us into strange, evil behavior is that we are so close to that which is ours, by right, and to do not know it, do not, do not!”, in ROSA, Guimarães. *The devil to pay: in the backlands*. Tradução de James L. Taylor e Harriet de Onís. New York: Alfred A Knopf, 1963, p. 83.

34. Segue todo o trecho que está sendo interpretado, na tradução para o Espanhol: “Yo querría descifrar las cosas que son importantes. Y lo que estoy contando no es una vida de sertanero, sea que fuese yagunzo, sino la materia vertiente. Querría entender del miedo y del valor, y de la gana que le empuja a uno a hacer tantos actos, dar cuerpo al suceder. Lo que le induce a uno malas acciones extrañas es que uno está cerquita de lo que es nuestro, por derecho, y no lo sabe, no lo sabe, ¡no lo sabe!”, in ROSA, Guimarães. *Gran sertón: veredas*. Venezuela: Fundación Editorial el perro y la rana, 2008, p. 93.

35. Segue todo o trecho que está sendo interpretado, na tradução para o Alemão: “Was ich schildern möchte, ist nicht das Leben eines Sertanejo, der vielleicht ein Jagunço war, sondern das Bedeutsame. Ich möchte so gern wissen, wie es um die Angst, um den Mut bestellt ist, um die Lust, die den Menschen zu den absonderlichsten Taten treibt und den Ereignissen ihren Stempel aufdrückt. Was die Leute zu seltsamen bösen Taten verführt, ist, daß wir unserem Eigentum so nahe sind und es nicht wissen, nicht wissen, nicht wissen!”, in ROSA, Guimarães. *Grande sertão: roman*. Tradução de Curt Meyer-Clason. Köln-Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1964, p. 96.

Riobaldo procura compreender-se. Riobaldo quer compreender o princípio que move e empurra o homem a realizar tantas ações. Quais ações? Os *tantos atos da sua travessia*.

Será ainda ocasião de pensar o que é agir e suas ações ao longo da obra. Por ora, temos duas possíveis amarrações para a palavra *gã* até aqui: a primeira corresponde a uma referência ontológica fundamental, relação constituída e principitada no entrelaçamento entre o homem (Guimarães) e a abertura da realidade (*Grande Sertão*), na medida em que se constitui como o *querer entender* de Riobaldo; a segunda está configurada como a força, o impulso, o motor do agir humano, desvelando-se como um tipo de humor, que levaria a realizar ações, as ações humanas. Além dessas direções, o que mais a palavra pode receber? Há mais alguma articulação possível? Sempre há! O que mais pode caber na *gã* do humano?

Há um outro sentido para a palavra *gã*. Em nossa Língua, a palavra designa também um instrumento musical, o *gã*, que é mais conhecido como *agogô*³⁶. A palavra *agogô* acena para outros sentidos, segundo o vocabulário da Língua Yoruba³⁷, de onde ela provém. Os substantivos *ago* ou *agogo*, significam sino ou relógio. *Ago* pode ser também um copo, donde se pode verter água para se beber, uma caixa pequena, onde se pode ocultar uma joia. É interessante ainda a palavra *ãgó*, que pode ser usada em expressões como *sair do caminho*, *sair da minha rota*, ou *sair do caminho do cavalo*. Temos na proximidade de *agogo* a palavra *akòko*, que significa um ponto temporal (passado, presente, futuro), uma dimensão da temporalização do tempo. Outra palavra bem próxima à *akòko* é *akókùn*, que significa a parte de algo que é deixada para trás, o que resta, depois que algo se foi ou que se finalizou, que se consumou. A variação *akókà* indica aquilo que é primeiro numa série, o primeiro que é contado numa série. Por fim, temos ainda a palavra *akóki*, cuja função é saudar quem se encontra num caminho.

Há um estudo do pesquisador Edilberto José de Macedo Fonseca sobre o *agogô*. Em seu ensaio “...*Dar Rum ao Orixá...*” *ritmo e rito nos candomblés ketu-nagô*³⁸, ressalta a importância do desempenho do *gã* em

36. Atualmente, a palavra *gã* (*agogô*) é reconhecida como pertencente ao vocabulário oficial de nossa Língua, constando do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, 5ª edição, de 2009, obra realizada pela *Academia Brasileira de Letras*. A consulta da palavra está disponível na página eletrônica da Instituição.

37. BOWEN, T. J. *Grammar and Dictionary of the Yoruba Language*. New York: Appleton & Co., 1858.

38. FONSECA, Edilberto José de Macedo. “...*Dar Rum ao Orixá...*” *ritmo e rito nos candomblés ketu-nagô*. In: *Revista Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*. v. 3, n. 1. Rio de Janeiro: UERJ

relação aos demais instrumentos percussivos, nos rituais religiosos do povo Nagô, cuja língua é o Ioruba. O gã se insere como um instrumento guia, que organiza ritmicamente o andamento dos outros instrumentos. Ele “possui o *status* de “maestro” no conjunto orquestral. Seus toques servem de base para a prática dos atabaques e funcionam como ponto de orientação para a *performance* dos tocadores, os *alabês* e *ogãs*”³⁹.

Neste sentido, *gã* poderia ser, segundo o que Riobaldo queria entender, a força do tempo que dá o ritmo e impulsiona o agir do homem.⁴⁰ Ou poderia ser simplesmente uma forma apocopada para a palavra *vingança*, *gã*, procedimento semelhante realizado pelo autor de GSV, alterando a forma esperada para a grafia da palavra *grandeza*, onde aparece *grã*⁴¹. Pois vingança mobiliza muita coisa, principalmente “obrar vingança pela morte atraídoada de Joca Ramiro!...”⁴² Mas, deixemo-la descansar e decidir por si mesma.

6. Corpo da Sucessão

Riobaldo queria *dar corpo ao suceder*. Esta expressão está diretamente relacionada ao querer entender de Riobaldo, pois encerra a

– Instituto de Artes, 2006.

39. FONSECA, 2006, p. 103.

40. Esta interpretação para a palavra *gã*, certamente, ultrapassa as pretensões de Guimarães Rosa. Basta recorrer à indicação das traduções, acima destacadas, para constatar que sua intenção aponta para um sentido diverso dessas articulações apresentadas. Comparando as traduções, observa-se uma regularidade de sentido em sua tradução para outros idiomas. Vale ainda lembrar que Rosa aprovou o trabalho de tradução de Meyer-Clason, que verteu *Grande Sertão: Veredas* para o Alemão, tendo o autor, ele mesmo, acompanhado a tradução da obra, cf. ROSA, Guimarães. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: (1958-1967)*. Org. e notas de Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2003. No entanto, mesmo levando em consideração este fato, ainda assim isto não inviabiliza a interpretação. Em entrevista, o próprio autor se considera aberto à possibilidade de ser convencido de que há metáforas onde ele mesmo não havia previsto. A propósito de possíveis conflitos com os tradutores de sua obra, em especial, o Curt Meyer-Clason, Guimarães Rosa declara o seguinte: “Confesso com muito prazer que Meyer-Clason me convenceu de que uma passagem de meu romance – na realidade se tratava de uma metáfora – era mais convincente na tradução alemã que em meu original. É claro que aceito isso, e em uma nova edição brasileira pretendo adaptar esta passagem à versão que Meyer-Clason encontrou em alemão. A isto eu chamo cooperação, co-pensamento”, LORENZ, 1991, p. 96.

41. Cf. Riobaldo, “Afirmo que não entendi a *grã* do que ele disse, porque naquela hora as ideias nossas estavam acompanhadas surdas, um do outro a gente desregulava”, ROSA, 2006, p. 533. Ver a notação para *grã*, em MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 3. ed. São Paulo: EDUSO, 2008, p. 252.

42. ROSA, 2006, p. 446.

oração: *Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder.* A questão do corpo tem ganhado destaque no âmbito acadêmico. Mas o que é corpo?⁴³ Todos temos um corpo, mas quando se fala corpo, e se entende o corpo humano, um corpo material, feito de sangue e carne, exclusivamente matéria-corpo, com suas partes, sua exterioridade, interioridade (as entranhas), a forma, a matéria, com tudo isso temos determinado o sentido segundo o qual será compreendido corpo, meu corpo, seu corpo. De corpo toda a gente entende. Mas não se está tratando aqui desse corpo. Que sentido, que razão temos a oferecer para a palavra corpo, enquanto corpo do suceder? A questão nesta passagem sobre o corpo, o *dar corpo* que se questiona na obra possui outra matéria. Ele possui a matéria vertente em sua constituição.

Destacamos algumas vertências de corpo. Daí o entendimento pode começar a encorpar. A obra diz corpo de muitas maneiras. Diz Riobaldo em algumas passagens:

1. *“o que o corpo a próprio é: coração bem batendo”*⁴⁴;
2. *“O Garanço parado quieto, sempre empinado com a frente do corpo, semelhando que o cupim ele tivesse abraçado. A morte é corisco que sempre já veio. [...] Peguei, com meus braços: não adiantava – era corpo. Ele estava defunto de não fechar boca – aí, defunto airado”*⁴⁵;
3. *“Aturado o que se pegou a ouvir, eram aqueles assombrados rinchos, de corposo sofrimento, aquele rinchado medonho dos cavalos em meia-morte, que era a espada de aflição”*⁴⁶;
4. *“havia de ter rogado praga. De pensar nisso, eu até estremecia; o que estremecia em mim: terreno do corpo, onde está a raiz da alma”*⁴⁷;
5. *“Condenado de maldito, por toda lei, aquele estrago de homem estava; remarcado: seu corpo, sua culpa!”*⁴⁸;

43. Consultar o ensaio *Notas Sobre o Corpo*, em FOGEL, Gilvan. Notas sobre o corpo. In: *Arte: corpo, mundo e terra*. Org. Manuel Antônio de Castro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

44. ROSA, 2006, p. 138.

45. *Ibid.*, p. 215.

46. *Ibid.*, p. 340.

47. *Ibid.*, p. 388.

48. *Ibid.*, p. 494.

6. “A outra, Hortência, meã muito dindinha, era a Ageala, co-
nome assim, porque o corpo dela era tão branquinho formoso,
como frio para de madrugada se abraçar...”⁴⁹;
7. “Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma?”⁵⁰.

Segundo estas passagens, corpo se propõe, respectivamente, como: 1. corpo é *vida*; 2. corpo é *morte*; 3. corpo é *gravidade*; 4. corpo é *terra*; 5. corpo é *culpa*; 6. corpo é *prazer*; 7. corpo é *amor*. Claro, a determinação do corpo em cada uma das passagens poderia receber outras direções de sentido. Porém, estamos certos de que corpo é mais do que corpo material.

Segundo o Professor Manuel Antônio de Castro, *dar corpo* é o modo como a obra GSV elabora, a partir da narração de Riobaldo, a experiencição da “referência sempre enigmática das questões de entre-ser”⁵¹. Estas questões são propriamente a vida, a morte, a gravidade da dor, a terra do sertão, a culpa, etc. Tudo isso compõe o corpo do suceder da vida, da travessia de Riobaldo, de seu tempo. *Dar corpo ao suceder* significa fazer aparecer através da narração a matéria vertente da travessia de Riobaldo. O corpo da sucessão é o prazo de Riobaldo, é o seu tempo entre nascimento e morte, é *matéria vertente*, matéria vertida, corporificada, corporificando a sucessão da travessia enquanto questão. Suceder é a própria destinação histórica de Riobaldo, é o seu destino. Suceder diz o acontecer, o tornar-se, do verter-se, do *vir-a-ser*, que na sucessão perfaz o homem que foi Riobaldo.

7. Ação Estranha, Ação Própria

O que induz a gente para más ações estranhas é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe! Chegamos à última parte da fala de Riobaldo, que conclui a explicitação do seu *projeto compreensivo*. Afirmam-se duas possibilidades de afinação para o agir. Fala-se aqui de uma dupla realização que impulsiona o agir. A primeira que logo de cara aparece é a ação estranha, e em sendo estranha, caracteriza-se como má ação. Mas, é má por um único motivo: a ação est-

49. Ibid., p. 526.

50. Ibid., p. 576.

51. Ibid., p. 157.

ranha ganha essa qualidade de ser má, justo por ser estranha, por sobrevir de fora, de um outro, o que inclina a ação vem de outro, é externa, exterior a constituição própria de quem age. A ação é má porque é um tornar-se, uma realização de vida, que advém de outro. Em poucas palavras, a ação não é *própria*.

Por oposição, temos a ação própria, apropriada, que vem, não do outro, mas de si, a partir de si. Tem-se, pois, a ação própria e a ação imprópria. O homem que deseja realizar boas ações, isto é, ações próprias, deve estar inicialmente atento à proveniência da ação. Isto para quem deseja (quer) realizar boas ações. Para quem está no interesse de realizar as ações próprias, deve estar no movimento de descoberta daquilo que nos é mais próximo. Este é o empenho, pois, de quem deseja acertar na ação e realizar uma boa ação, no sentido do que é próprio. Para isso acontecer, é essencial ser capaz de ver o que é próprio, o que está mais perto, o que é nosso por direito. O problema é que a gente não sabe, ou seja, não vê. *Se não sabe como é que vai entender?* Neste sentido a tarefa de concretização da ação própria deve tornar visível o próprio, o que está perto, e ainda não se sabe. Essa é a tarefa de Riobaldo, esse é o seu círculo vital, isto é o que ele quer entender.

Vamos tentar seguir a marcha da travessia de Riobaldo enquanto um dar-se conta de suas ações próprias/impróprias. Procurar expor o *projeto compreensivo* de Riobaldo significa buscar elaborar esse empenho de autodescobrimento da sua travessia, que é um atravessamento da vida em direção à morte. O caso é que para ver isso, o seu próprio, será necessário enfrentar a questão dos afetos, a questão da liberdade, a questão da ação e a questão da temporalidade. É através do círculo entre esses termos que veremos a travessia de Riobaldo como homem do sertão. Tudo isso aponta para a necessidade de uma interpretação radical da noção de tempo na obra *Grande Sertão*, bem como aponta para uma estranha confluência entre esses âmbitos de questionamento. Este será o pacto de leitura que deverá ser desdobrado para que seja explicitado o projeto compreensivo de Riobaldo.

8. Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. Ed. 2009.

ANDRADE, Álvaro Martins. *O espelho de Guimarães Rosa*. In: Revista de Letras. Vol. 14 N. 1. São Paulo: UNESP, 1972, pp. 49-71.

BOWEN, T. J. *Grammar and Dictionary of the Yuroba Language*. New York: Appleton & Co., 1858.

CASTRO, Manuel Antônio de. Grande Ser-tao: diálogos amorosos. In: *Veredas no sertão rosiano*. Org. Antônio Carlos Secchin [et al]. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

_____. *O homem provisório no grande ser-tão*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

_____. *Tempos de metamorfose*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994

_____. “Travessia, 6”. In: CASTRO, Manuel Antônio de. Dicionário de Poética e Pensamento. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Travessia>. Acesso em: 20 de novembro de 2015.

_____. “Travessia, 7”. In: CASTRO, Manuel Antônio de. Dicionário de Poética e Pensamento. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Travessia>. Acesso em: 20 de novembro de 2015. Acesso em: 20 de novembro de 2015.

_____. “Vigorar, 1”. In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Vigorar>. Acesso em 10 agosto de 2015.

CASTRO, Nei Leandro de. *Universo e vocabulário do Grande Sertão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

_____. Notas sobre o corpo. In: *Arte: corpo, mundo e terra*. Org. Manuel Antônio de Castro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. “...Dar Rum ao Orixá...” ritmo e rito nos *candomblés ketu-nagô*. In: Revista Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares. v. 3, n. 1. Rio de Janeiro: UERJ – Instituto de Artes, 2006.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.) *Guimarães Rosa: seleção de textos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Coleção Fortuna Crítica – 6)

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROSA, João Guimarães. *Gran sertón: veredas*. Venezuela: Fundación Editorial el perro y la rana, 2008.

_____. *Grande sertão: veredas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (Biblioteca do Estudante)

_____. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

_____. *Grande sertão: roman*. Tradução de Curt Meyer-Clason. Köln-Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1964.

_____. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: (1958-1967)*. Org. e notas de Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. *The devil to pay: in the backlands*. Tradução de James L. Taylor e Harriet de Onís. New York: Alfred A Knopf, 1963.